

Programa Radiofônico Alteridade: uma reflexão sobre a temática da diferença na Web Rádio Da Hora da UFSM-FW¹

Andriéli BERTÓ²

Bruna BUENO³

Larissa RIGO⁴

Leticia SANGALETTI⁵

Luciana Menezes CARVALHO⁶

Marina BONÊZ⁷

Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, RS

RESUMO

O Alteridade é um programa radiojornalístico em formato painel que vai ao ar desde junho de 2016, pela Web Rádio Da Hora do curso de Jornalismo do *Campus* da Universidade Federal de Santa Maria de Frederico Westphalen (UFSM-FW). O programa funciona por meio de um Projeto de Extensão e tem como foco a discussão de temáticas relacionadas à alteridade e à empatia, às diferenças e desigualdades sociais, buscando contribuir para o rompimento de preconceitos e estereótipos de raça, etnia, gênero, religião, dentre outros. O objetivo deste estudo é refletir sobre a contribuição do programa radiofônico para o desenvolvimento social e cultural do público envolvido.

PALAVRAS-CHAVE: Alteridade. Diferença. Radiojornalismo. Extensão Universitária.

INTRODUÇÃO

¹Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Acadêmica do sétimo semestre do curso de Jornalismo – Bacharelado pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Campus Frederico Westphalen; voluntária na produção do Projeto de Extensão Programa Radiofônico Alteridade. E-mail: andrie_le@hotmail.com.

³ Acadêmica do sétimo semestre do curso de Jornalismo – Bacharelado pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), campus Frederico Westphalen voluntária na produção do Projeto de Extensão Programa Radiofônico Alteridade. E-mail: bruna_bueno8@hotmail.com.

⁴ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PUCRS. Docente do Instituto Educacional Conexão do Saber, Sócia-proprietária Jornal Primeira Edição, desde 2010, coordenando toda edição do periódico. E-mail: lary_rigo@yahoo.com.br.

⁵ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Docente do Instituto Educacional Conexão do Saber (IECOS). E-mail: leticiasangaletti@hotmail.com.

⁶ Orientadora do trabalho; Professora Adjunta do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM – Campus Frederico Westphalen doutora em Comunicação (UFSM); coordenadora do Projeto de Extensão Programa Radiofônico Alteridade. E-mail: luciana.carvalho@ufsm.br.

⁷ Acadêmica do sétimo semestre do curso de Jornalismo – Bacharelado pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), campus Frederico Westphalen voluntária na produção do Projeto de Extensão Programa Radiofônico Alteridade. E-mail: mariiina_bonez@hotmail.com.

A comunicação tem o poder de unir, fortalecer, criar e capacitar sujeitos críticos diante da grande mídia. Partindo desse pressuposto, no decorrer deste artigo relatamos nossa experiência no programa de rádio Alteridade, que surgiu a partir da ideia de debater temas sociais que de certa forma auxiliem na quebra de “tabus”, levando para os ouvintes determinados assuntos ainda pouco discutidos pelos meios tradicionais. O programa vai ao ar semanalmente na Web Rádio Da Hora, do curso de jornalismo da UFSM – Campus Frederico Westphalen e se utiliza da convergência midiática para divulgar os destaques de cada edição, com publicações no Facebook, Twitter e Instagram.

A ideia principal do programa Alteridade já está clara em sua nomeação: tratar de questões que pudessem dar voz a diferentes ideologias. O programa aborda a cada semana um tema diferente, escolhido pela produção, que realiza a pesquisa sobre o assunto e entra em contato os participantes, sempre buscando abranger os diferentes lados da questão. Em muitos dos programas são realizadas enquetes para que a comunidade possa ser inserida no meio radiofônico, além disso, a escolha do tema varia de acordo com o que acontece no país naquele determinado momento, além de assuntos mais locais.

2 O Programa

O Projeto de Extensão Programa Radiofônico Alteridade caracteriza-se pelo desenvolvimento de um programa jornalístico, em formato de painel, veiculado durante o período letivo, na Web Rádio Da Hora. Os meios de comunicação tendem a negligenciar ou a dar menos espaço às temáticas relacionadas as minorias, daí o papel da universidade pública, em preencher a lacuna, oferecendo produtos de maior interesse público e social, justamente para ampliar o conhecimento da população da região do Médio Alto Uruguai, quanto à busca pela alteridade.

Com uma hora e meia de duração, o programa vai ao ar semanalmente, ao vivo ou gravado, em horários definidos a cada semestre letivo, pelo link da Web Rádio Da Hora na internet (o player, do Lab Rádio, é divulgado nas redes sociais da Rádio e da Agência Da Hora) e por vídeo no *Facebook*. As pautas são definidas previamente, com pelo menos uma semana de antecedência, pela equipe de produção, formada pelas professoras participantes e alunos voluntários. As temáticas são escolhidas de acordo

com os critérios de atualidade, relevância social e adequação à proposta editorial do programa.

As reuniões de pauta se dão presencialmente e/ou online e, a partir da escolha do tema e dos convidados, a produção envia os convites e agenda a participação. A depender do tema, são realizadas enquetes e reportagens ao longo da semana para complementar a discussão. Ao longo da semana, o programa é divulgado nas redes sociais da Rádio e Agência Da Hora e nos perfis das participantes. Durante o programa, os ouvintes e internautas podem participar pelas redes sociais enviando perguntas e comentários. Após o programa, são feitos boletins de áudio e/ou vídeo para veiculação de um resumo do programa. Eventualmente, em situações em que não há possibilidade de realização do programa, as edições são reprisadas.

O programa é produzido e apresentado por professoras e acadêmicas⁸, no Laboratório de Radiojornalismo, com apoio dos bolsistas da Agência Da Hora⁹ e da Web Rádio Da Hora. O entendimento da perspectiva do outro, sobretudo em aspectos cotidianos/sociais e ações comunicativas: esse é um dos principais pilares do “Alteridade”.

Ao todo, durante o primeiro semestre letivo de 2016, foram ao ar dez programas, que abordaram os seguintes temas: Racismo; Violência Contra a Mulher; Outubro Rosa – mês de conscientização sobre o câncer de mama; Projeto Escola Sem Partido; Abuso Sexual; Setembro Amarelo - mês de conscientização e prevenção ao suicídio; O papel da Mulher na Sociedade; Alimentação Saudável; O trabalho das ONG’s no município de Frederico Westphalen; e Maioridade Penal. Durante os programas, conduzidos sempre por pelo menos uma das apresentadoras, participaram convidados de distintas organizações sociais da região, além de estudantes da UFSM de Frederico Westphalen.

Os programas são disponibilizados em áudio e vídeo nas páginas ligadas ao projeto no *Facebook* e contam com um número significativo de visualizações, mostrando que o projeto, já em suas etapas iniciais, tem encontrado respaldo na comunidade.

As atividades de produção do programa Alteridade são feitas por três acadêmicas do curso de Jornalismo, que já passaram pelos três períodos da disciplina

⁸ A inserção dos acadêmicos no Projeto visa oportunizar experiência prática no radiojornalismo, além de aproximar alunos e professores no fazer jornalístico e, ainda, oferecer formação sobre alteridade aos acadêmicos.

⁹ link

curricular de Radiojornalismo, tendo nesta a possibilidade de expor os conhecimentos adquiridos neste tempo. Desta forma também podem pôr em prática os aprendizados da sala de aula. As produtoras acabam tendo a experiência de vivenciar a agilidade da produção jornalística, já que a produção é semanal.

A produção do roteiro segue as orientações para que o programa seja conduzido de maneira leve e clara. O texto é objetivo, apresentado de maneira clara ao ouvinte, para prender sua atenção e não confundi-lo. Essa é uma das características do rádio, despertar a imaginação de quem ouve e criar uma relação de proximidade, uma vez que o rádio fala para cada indivíduo diretamente.

A 'condição fugitiva da impressão auditiva' determina assim mais restrições ao discurso do jornalismo radiofônico. A impossibilidade do ouvinte deter-se sobre o enunciado, repetir a leitura ou mesmo determinar a velocidade da enunciação obriga a uma extrema simplificação sintática e semântica, com frases curtas em ordem direta, contendo preferencialmente uma única ideia, expressa com precisão e clareza tais que neutralizem qualquer ambiguidade.” (MEDITSCH, 2007, p.184)

As perguntas feitas aos convidados são sempre curtas e diretas seguindo os manuais de radiojornalismo, de maneira a evitar respostas com apenas “sim” ou “não”, e, ainda, as múltiplas perguntas, que poderiam dar margem para o entrevistado responder apenas uma. McLeish (2001) adverte que "o entrevistado que recebe duas perguntas poderá responder a primeira e depois, sinceramente, esquecer a segunda, ou talvez exercite sua evidente opção em responder a que ele prefere".

Outro recurso importante que também é utilizado é o de som, um dos mais importantes do rádio, uma vez que ele que irá contextualizar todo o tema. Durante a programação são utilizadas entrevistas em áudio com personagens que se destacam em relação ao assunto que está sendo tratado, esse público tem a oportunidade de se manifestar por meio de enquetes, pois o objetivo é integrar a comunidade ao que estamos veiculando.

Até se precisar o tema da entrevista, por mais rápida que seja esta decisão – e sempre é veloz na comunicação coletiva –, os parâmetros que a contornam provêm de vários pontos de partida devidamente articulados. [...] Vale lembrar Nietzsche: sob a superfície de qualquer fenômeno há uma rede de forças atuantes. Assim também a análise crítica sobre as fontes de informação, os “eleitos” para darem o seu testemunho, para falarem acerca da pauta (MEDINA, 2008, p.25).

Durante a apresentação do programa ao vivo a equipe de produção tem a função de observar o andamento do mesmo e apontar melhorias para as próximas edições, bem como sugestões de pautas que acabam surgindo. Devido ao trabalho desenvolvido pela equipe, busca-se sempre trazer o programa para a área de pesquisa, assim proporcionando novas discussões e questionamentos sobre as produções em comunicação.

A escolha dos temas a serem abordados no programa é realizada com a concordância de todos os membros do Alteridade, dessa forma, tanto locutoras quanto produtoras podem sugerir assuntos de relevância no meio social e que se encaixam com o propósito do programa, bem como temas que estão sendo discutidos em determinado momento. Um exemplo disso foi o programa sobre a conscientização e prevenção ao suicídio, tema de suma importância para o meio social e que foi abordado no mês de setembro.

O rádio geralmente é conhecido pela “informação imediata”, a qual não possui *replay*, como nos demais meios de comunicação (televisão, jornal, internet). Encontra-se no programa Alteridade uma maneira de informar além da visão que temos do rádio, busca-se informação que possa ser continua após o termino do programa, por isso a escolha de assuntos que proponham novas visões e que também possam contribuir para a quebra de tabus. Informação além dos parâmetros jornalísticos e que em muitos casos, dão voz e visibilidade a temas ainda pouco discutidos.

Além da informação imediatamente útil (o trânsito, o tempo), o consumidor do jornalismo de qualidade procura uma atualização do seu conhecimento do mundo (a política, a economia, a ciência, a cultura, etc.), provavelmente não apenas por uma curiosidade desinteressada, mas, sobretudo porque esse conhecimento é um capital cada vez mais exigido para a escalada dos degraus da ascensão social. (MEDITSCH, 2007, p. 250)

Uma das técnicas utilizadas para conduzir o programa é a entrevista. Há uma introdução do tema para que o ouvinte esteja situado sobre o que será discutido naquele dia, o que é, do que se trata, acontecimentos envolvendo determinado assunto, porque é relevante trazer para o meio social esse tipo de discussão, etc. Por essas questões, a entrevista é a que melhor responde as dúvidas sobre o que está sendo discutido e também deixa claro a informação a ser passada para o receptor da mensagem. Essa técnica de perguntas e respostas torna mais fácil o entendimento para o público.

A técnica de entrevista em rádio é basicamente a mesma aplicada em outras áreas do jornalismo, respeitando as principais características da linguagem do veículo: clareza, concisão e coloquialismo. As perguntas devem ser diretas, sem tom de enciclopédia. Nada de contar histórias de cinco linhas para fazer a pergunta. [...] É sempre melhor fazer perguntas que obriguem o entrevistado a falar, do tipo por quê, como, quando. (ALMEIDA, 2004, p.52)

O convidado também possui a liberdade de falar sobre o assunto de maneira aberta, as perguntas geralmente questionam uma parte em específica do assunto, mas é sempre bem-vindo um conhecimento a mais, que em muitos casos é acrescentado pelo convidado.

O programa *Alteridade* situa-se entre os gêneros interpretativo e opinativo do jornalismo. A sua qualidade interpretativa reside na busca por um tratamento contextualizado e aprofundado dos temas da atualidade. “Isto só se consegue com o engrandecimento da informação a tal ponto que ela contenha os seguintes elementos: a dimensão comparada, a remissão ao passado, a interligação com outros fatos, a incorporação do fato a uma tendência e sua projeção para o futuro” (DINES *apud* RABAÇA; BARBOSA, 2001, p. 405). No programa, esses elementos aparecem desde a produção à sua veiculação, pois a pesquisa é fundamental para contextualizar os fatos da atualidade que servem de gancho à temática de cada debate. Nos debates, os convidados são instigados a aprofundar o tema, interpretando suas causas históricas e sociais, e propondo soluções para a superação dos problemas discutidos.

O caráter opinativo do programa se dá pela própria participação dos convidados, apresentadoras e ouvintes, que o tempo todo debatem os temas a partir de fatos que são interpretados por meio de um viés opinativo. Essa natureza opinativa, diferentemente do que acontece em alguns programas de grande audiência, é assumida pela linha editorial do *Alteridade*. Trata-se de um programa que não se diz imparcial, pois se entende que tratar de temáticas sociais exige uma tomada de posição. Essa clareza é importante, pois, como dizem Barbeiro e Lima (2003 *apud* FERRARETO, 2014, p. 97), “[...] é preciso ficar clara para o ouvinte a diferença entre o que é notícia e o que é conteúdo opinativo [...]”. Ao se falar de racismo, machismo, homofobia e outros tipos de preconceito, não é possível ser isento ou mascarar as opiniões defendidas. Neste projeto, assume-se sempre o lado do oprimido, que precisa ser defendido como parte mais fraca na sociedade.

De acordo com Ferraretto (2014), o formato painel faz parte do tipo de programa mesa-redonda, em que os convidados buscam aprofundar e interpretar temas da atualidade. Enquanto no debate, buscam-se pessoas com pontos de vista divergentes entre si, para que as opiniões sejam confrontadas, no painel a questão é mais livre, pois “cada integrante da mesa expõe suas opiniões, que vão se complementando. Mesmo que haja divergência de posicionamentos, o objetivo principal é fornecer um quadro completo a respeito do assunto focado” (FERRARETO, 2014, p. 74).

A participação da comunidade é incentivada tanto no momento do programa quanto na sua produção, quando são realizadas enquetes sobre o tema para serem reproduzidas durante o programa. “O ouvinte gosta de ouvir pessoas do povo discorrendo sobre um assunto da pauta do dia. As enquetes são colhidas nas ruas ou em eventos” (PRADO, 2006, p. 25). No programa ao vivo, a participação se dá pelas redes sociais da internet.

O programa Alteridade explora a multimídia da Web Rádio, indo ao ar não apenas pelo link da rádio na internet, mas também em vídeo, pelo *Facebook*. Além disso, são feitas fotos do estúdio para publicação nas redes sociais da Agência e Web Rádio Da Hora. Trata-se, portanto, de um formato radiofônico típico da ambiência digital, em que “[...] o usuário não apenas ouve as mensagens transmitidas, mas também as encontra em textos, vídeos, fotografias, desenhos, hipertextos. Além do áudio, há toda uma profusão de elementos textuais e imagéticos que resignificam o velho invento de Marconi” (PRATA, 2009, p. 43).

Conforme pensada por Jenkins (2008), a convergência transforma a sociedade não apenas do ponto de vista tecnológico, mas, sobretudo cultural, alterando as relações entre os meios, entre produção e audiência, mudando o modo de se consumir e produzir conteúdo. Como afirma Calmón Alves (2006, p. 98),

Todos nós já somos seres multimídia há muito tempo, pois consumimos múltiplos meios de comunicação. A novidade é que temos à nossa disposição um meio que tem a capacidade de absorver as características de todos os outros meios. A Internet pode ser rádio, TV, jornal, revista, tudo ao mesmo tempo.

O trabalho desenvolvido pelo projeto contribui diretamente para cumprir o compromisso de desenvolvimento social que cabe à Universidade. A aproximação do veículo de comunicação e da comunidade em que vive é de extrema importância para

compreender as necessidades do público e levar a informação até ele, pois a prática do jornalismo está diretamente ligada a um compromisso social.

3 O caráter social

Essa busca de um jornalismo voltado para o outro é um desafio diante da hegemonia do modelo informativo que se institucionalizou na maioria dos países ocidentais. Tal perspectiva do jornalismo como transmissão de informações encontra ressonância na concepção linear da comunicação que marcou as primeiras teorias da área. Por isso, é preciso buscar embasamento em uma perspectiva dialógica da linguagem e da comunicação. Para Deleuze e Guattari (*apud* CAIAFA, 2004), a linguagem é fonte de estranhamento, confronto com o desconhecido, por isso envolve sempre um aspecto de alteridade. Barthes (1980) também denuncia o caráter ideológico da linguagem, que tende a perpetuar relações de poder. Por isso, adotar uma perspectiva de alteridade é romper com um jornalismo e uma comunicação baseados na ideia de transmissão, indo em direção a uma comunicação inclusiva e dialógica.

Bakhtin, por meio de seus conceitos de polifonia e dialogismo, insistia na heterogeneidade como constituinte da vida social e, portanto, da linguagem. Suas proposições inspiraram outros estudiosos da linguagem e do discurso e fundaram uma perspectiva que leva em conta a situação extralinguística que envolve as interações (CAIAFA, 2004). Nesse sentido, a busca da alteridade deveria ser constituinte de todo processo comunicativo, por meio da inclusão das diferenças como forma de crescimento para os participantes das situações de interação social.

Observamos como uma via interessante se abre para o pensamento comunicacional aqui, porque não basta introduzir a diferença a certa altura nos processos comunicacionais. Não escapamos das abordagens do reconhecimento e da identidade se fazemos dessa diferença um evento extraordinário ou adventício que sobrevém ulteriormente a um esquema identitário. O grande passo e o grande esforço é conceber a diferença como primeira, a variação como presente desde o início, imanente aos processos comunicativos. (CAIAFA, 2004, p. 56).

A inspiração para intitular o Programa Alteridade centra-se em dois pesquisadores, um deles brasileiro – Ciro Marcondes Filho, que reflete sobre a comunicação dialógica, isto é, entre os indivíduos sociais. Outro subsídio que concentra e dá a tônica do Projeto vem do francês Dominique Wolton (2006), que têm seus

estudos voltados à importância e a abrangência da comunicação. “A forma como o homem se relaciona com seu semelhante, como considera esse ‘outro’, como sai – ou como consegue sair – de si e entrega-se à relação a partir do reconhecimento do outro.” (MARCONDES FILHO, 2009, p. 31). A partir desse entendimento, de como conceber suas percepções frente ao reconhecimento do outro, é que surgiu a ideia para este projeto de extensão e a escolha pelas temáticas a serem debatidas.

É a partir desse entendimento que o Programa Alteridade se constitui, buscando esse “Outro” muitas vezes esquecido pelos meios de comunicação. Ele é a pauta principal do programa, em todas as suas edições. A busca das diferenças de raça, etnia, de classe, gênero aparece em geral na mídia por meio do reforço dos estereótipos. Neste projeto, o objetivo é trazer olhares que se complementem em torno da diferença, como forma de romper com os preconceitos que surgem do medo do que não se conhece, fazendo um “elogio da diversidade” nos moldes do que propõe Jesús Martín-Barbero:

O elogio da diversidade fala, por sua vez, de uma nova sensibilidade da nossa sociedade em relação ao plural, de uma nova percepção do relativo e precário das ideologias e dos projetos de libertação, mas fala também da vertigem do ecletismo que da estética e política fazem com que tudo tenha o mesmo valor. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 42).

Trata-se de um momento histórico em que a diversidade clama por ser respeitada, em que as liberdades individuais e coletivas são cada vez mais reivindicadas por minorias organizadas. Nas redes sociais da internet, as diferenças geram conflitos junto aos intolerantes e, ao mesmo tempo, as vítimas de preconceito se fortalecem por meio das denúncias. O papel social do rádio como meio de comunicação social, em sentido pleno, pode então ser resgatado por meio de uma comunicação que inclua as diferenças e proponha o exercício da alteridade e da empatia com o outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordar questões ainda tabus na sociedade e fugir de estereótipos estabelecidos, utilizando a internet e suas ferramentas para potencializar o rádio e promover interação, são os grandes desafios do Alteridade. O programa surge como uma inovação de cenário do rádio, principalmente na região em que está inserido. Por trás de todo o trabalho existe a responsabilidade de proporcionar um material jornalístico que integre a comunidade e estimule a cidadania, compreendendo a veracidade com que as

mensagens devem chegar à sociedade. Ainda possuímos um “mercado de notícias” que apresenta uma maior preocupação com a audiência e deixa a margem os debates sociais. A realidade que nos é apresentada a todo instante, precisa ser discutida, caso contrário continuaremos a ter uma sociedade que acredita que “direitos humanos é para bandido”, e que “bandido bom é bandido morto”.

O Alteridade busca também proporcionar outros olhares em relação a questões sociais. Por esta razão, os temas são escolhidos com base em assuntos que possam contribuir para a reflexão e a mudança de paradigmas. Trazer novas vozes, outros olhares e acima de tudo, promover o debate, sem uma falsa pretensão pela neutralidade, pois quando se trata de alteridade, estamos falando de nos colocarmos no lugar do outro, sentir o que o outro sente, para então perceber que, ainda que diferentes, somos todos iguais.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. e VOLOCHÍNOV, V. 2002. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, Hucitec e Annablume [1929-1930].

BARTHES, R. 1980. **Aula**. São Paulo, Cultrix [1978].

CAIAFA, Janice. Comunicação da diferença. **Fronteiras-estudos midiáticos**, v. 6, n. 2, p. 47-56, 2004.

ALVES, Rosental Calmon. Jornalismo digital: Dez anos de web... e a revolução continua. **Comunicação e sociedade**, v. 9, n. 10, p. 93-102, 2012.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. 1980. 20 novembre 1923. **Postulats de la linguistique**.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Aleph, 2015.

MARCONDES FILHO, C. (Org.). **Dicionário da comunicação**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Comunicação plural: alteridade e sociabilidade. **Comunicação & Educação**, v. 3, n. 9, 2007.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2008.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação - teoria e prática do novo radiojornalismo**. 2. ed. Florianópolis: Insular, Editora da UFSC, 2007.

MCLEISH, Robert. *Produção de rádio - um guia abrangente de produção radiofônica*. 1 ed. São Paulo: Summus, 2001.

PRADO, Magaly. **Produção de rádio**: um manual prático. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PRATA, Nair. **Webradio**: novos gêneros, novas formas de interação. Florianópolis: Insular, 2009.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de Comunicação**. 8 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

WOLTON, D. **É preciso salvar a comunicação**. Tradução de Vanise Pereira Dresch. São Paulo: Paulus, 2006.